

ADEMIR PASCALE – ORGANIZADOR

COLETÂNEA DE POEMAS E CONTOS



SELO CONEXÃO LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-14119-0

2024

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- LAMENTO DE UM CORAÇÃO, POR A. RODRIGO MAGALHÃES, PÁG. 05
O CACHECOL, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG. 07
INVERNO, POR HELENISE DE MELLO BISAGGIO, PÁG. 10
MULTIVERSO DAS SENSações, POR HENRIQUE MEDEIROS SÉRGIO, PÁG. 14
ÊXTASE PRIMAVERIL, POR LUCIENE GUISONI, PÁG. 17
O AMARGOR DE TER, POR MATEUS PESSOA ALVES, PÁG. 20
FALSAS FLORES, POR MATEUS PESSOA ALVES, PÁG. 22
UM AMANHÃ MELHOR, POR SELMA LUANNY, PÁG. 24
SEMPITERNO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 26
ESTRUTURA EFÊMERA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 28
O ROCHEDO E O RIACHO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 30
SAUDADES, POR TÂNIA CASTRO, PÁG. 32
OUTONO, POR TÂNIA CASTRO, PÁG. 34
ESPERANÇA, POR TÂNIA CASTRO, PÁG. 36
IMORTAL, POR TÂNIA CASTRO, PÁG. 38
FUTURO, POR TÂNIA CASTRO, PÁG. 40
DESTINO (BASEADO EM UM CONTO DE EDGAR ALLAN POE), POR VALNEI NASCIMENTO DA SILVA, PÁG. 42
O BRINCO DE OURO DA PRINCESA, POR VALNEI NASCIMENTO DA SILVA, PÁG. 44
O CÉU DOS GATOS (EM MEMÓRIA DE MIKE), POR VALNEI NASCIMENTO DA SILVA, PÁG. 47
NA ESCURIDÃO DA NOITE, POR VALNEI NASCIMENTO DA SILVA, PÁG. 50
A ÚLTIMA BALA DE PRATA, POR VALNEI NASCIMENTO DA SILVA, PÁG. 52
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 55



ADEMIR PASCALE – ORGANIZADOR

COLETÂNEA DE POEMAS E CONTOS



SELO CONEXÃO LITERATURA

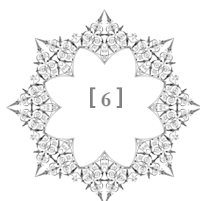
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Lamento de um coração

Por A. Rodrigo Magalhães

Atanilson Rodrigo Magalhães, nasceu em 28 de janeiro de 1985, na cidade de Ipatinga, estado de Minas Gerais. É formado em Bacharel em Engenharia Química, com Pós-graduação em Geotecnia Ambiental e Estrutural. No momento está cursando Pós-graduação em Bioquímica. Atualmente é funcionário público federal da ECT, no cargo de Agente de Correios - Carteiro. Desde novo, sempre teve interesse em literatura, tendo lido até hoje os mais variados títulos e autores. Sempre teve um fascínio pela sonoridade de sentimentos que a escrita é capaz de passar por meio de poemas e poesias.

De repente você acorda...
Mais um dia como outro qualquer.
Tudo ao redor permanece o mesmo:
A casa, as pessoas, o ambiente, sons, luzes...
Nada mudou!
Mas parece que há algo diferente!
Algo do que antes era importante e agora não é mais!
Você não procura mais por alguma mensagem,
Não sente mais a falta daquele toque sonoro de alerta,
Não se preocupa mais se do outro lado alguém te respondeu,
Não se importa mais pela indiferença...
Tudo perdeu a importância!
E nessa intensa busca interna
Não há vencedores nem perdedores.
Porque não há uma disputa...
Há sim! Há uma procura.
Não por valor material,
Mas sim, por sentimentos:
Carinho, afeto, ternura, empatia ... amor!
E mesmo que não haja vencedores nem perdedores,
Há sempre um lado que irá sofrer a amargura,
Da lamentação de sua tristeza pela desilusão.
Porém no fim de tudo
Onde o tempo consome
O sofrimento de um coração ferido por amor,
Talvez surja um feixe de esperança
De que tudo isso não tenha sido em vão.

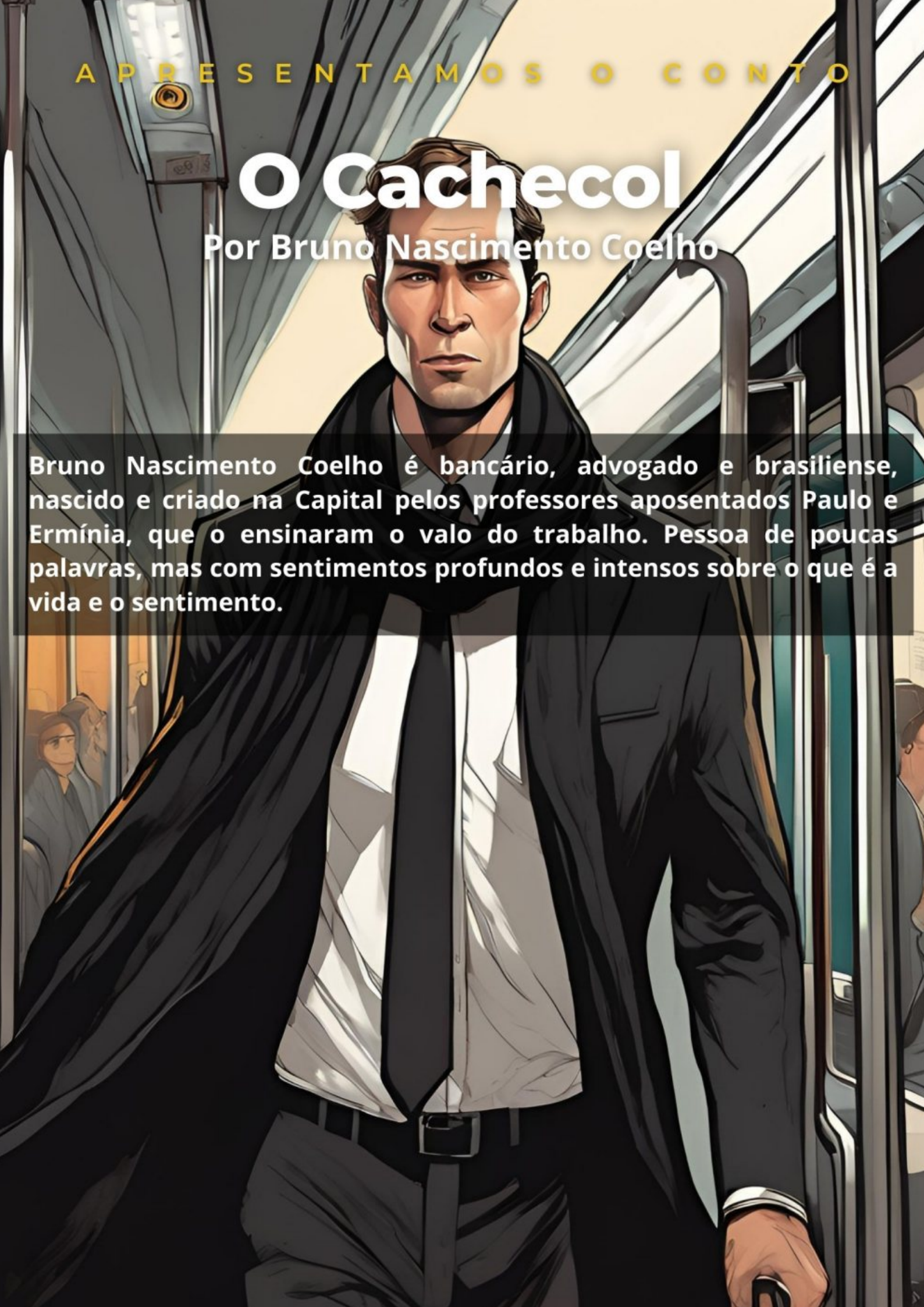


A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Cachecol

Por Bruno Nascimento Coelho

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasiliense, nascido e criado na Capital pelos professores aposentados Paulo e Ermínia, que o ensinaram o valor do trabalho. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.



Em um mundo barulhento, um homem de terno preto, camisa branca e cachecol preto, sai de uma estação do metrô.

Seu semblante é triste, pesado e frio, como o próprio fim daquele dia. Sua expressão era a de uma sonata fria de piano.

Silencioso, diferente do resto do mundo, ele vê, naquela noite fria daquela sexta-feira, uma jovem de cabelos ruivos, com a cor de cobre incandescente, sentindo frio.

Inconscientemente, ele se aproxima da jovem e tira seu cachecol, colocando-o ao redor de seu pescoço.

Espanta pelo ato, achando tratar-se de um louco pervertido, sua reação é nula.

Estática, arregalando seus olhos, estes enaltecidos pelas lentes redondas e grandes da armação de seus óculos, apenas fica ali... parada, sem saber como reagir.

O homem, sem dizer uma única palavra, demonstrou que, apenas, quis aplacar o frio da moça.

E ao terminar de contornar o cachecol pelos lindos cabelos da moça, apenas sinaliza com uma breve saudação cavalheiresca, acenando com sua mão direita e curvando-se levemente para frente.

Como se Fred Astaire estivesse cortejando pela primeira vez Ginger Rogers, em um musical antigo, em preto e branco.

Ainda espanta pelo gesto, a moça tenta dizer "Obrigado, mas não posso aceitar..."

...

Entretanto, o misterioso, porém simpático, homem apenas pega sua mão e novamente se curva. Novamente, de forma cavalheiresca, aproximando-se de sua mão, sem a beijar.

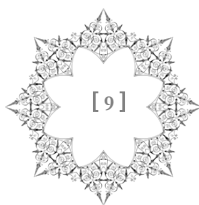
Sem dizer uma palavra, mas expressando em seu olhar o quanto o mundo está barulhento e sem verdadeiras emoções, o homem apenas retorna ao seu caminho original, agora com a cabeça levemente mais erguida.

Menos assustada, a jovem, também volta ao seu caminho, mas ainda acompanha, com um olhar discreto, os passos aquele estranho.

Ela apenas o observa, sem que ele perceba. Curiosa e intrigada, ela tenta ainda ver até onde sua visão a permite os passos daquele personagem peculiar.

"Por que ele fez isso? ", perguntou-se a jovem em sua própria mente. "Por que o frio de outra pessoa estranha, mas especialmente o meu, o impeliu para dar seu cachecol? "

Subitamente, em meio a tantas perguntas, uma música começa a tocar em uma caixa de som no ambiente. Ao som de "Cheek to Cheek" a jovem relembra em sua mente o que acabara de acontecer. E como um musical em preto e branco, ao final, ela sorri...



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Inverno

Por Helenise de Mello Bisaggio

Helenise Bisaggio foi professora de escolas municipais e federal. Atuou como chefe do departamento de Educação Infantil e da Zona Rural do Município de Juiz de Fora/MG.

Trabalhou em uma Sala de Leitura com crianças e adolescentes, articulando um projeto de Arte e Literatura. Aposentou em junho de 2023.

É artista plástica e escritora , com poemas publicados em Antologias e artigos em revistas.



Em uma estrada de terra vermelha, voltavam para casa mulheres e homens das lavouras de cana.

No rosto o cansaço e as linhas das humilhações, na pele o pó da poeira e as cinzas do carvão. Ninguém tinha nada o que contar de novidade, eram como os bois daquele lugar, saíam cedo carregando muita carga interior, a rotina era dura e muito cruel.

A estrada se comparava a uma bússola, todos os dias a areia pingava lentamente, sem nenhuma novidade, todos os dias esse pobre povo passava por ali. A desgraça e o cansaço impediam todo olho de enxergar o céu, as árvores, as florzinhas bobas nas cercas. Todos os dias os pássaros cantavam, as garças retornavam aos ninhos, as árvores se enchiam de frutas, porém tudo se passava despercebido.

— “VIDA, VIDA VIDA... DESGRAÇA, DOR E FERIDA. O AMOR QUE DE COSTUME SE EMBRENHA ATÉ NAS CARÇAÇAS MAIS DURAS, POR ALI SÓ ARDOR, EXPLORAÇÃO E CASTIGO. OOOH! SUB RAÇA MALDITA.” Talvez, se pudessem descrever em uma partitura suas vidas, essa seria a canção.

Um dia, depois de fazer muito calor caiu um temporal. Lavou tudo.

Essa tarde foi muito diferente, molhou as roupas, lavou a pele e tirou todo carvão e poeira.

Um deles até arriscou assoviar uma música. O retorno virou brincadeira, todos molhados de chuva e de um pouco de chiste.

Até o infortúnio, os pensamentos de falta de comida, as reclamações, os desafetos, a pobreza e a exploração foram lavados por segundos, em um momento de chuva.

O que acontecia no travesseiro de cada um deles, as noites, depois de comer quase nada e tomar um gole de café na caneca de lata? Até isso foi esquecido naquele momento.

A chuva teve o poder de alimentar a cana, molhar o capim, aumentar a produtividade do patrão e quebrar a monotonia do povo desafortunado.

Vale ressaltar que, antes de cair a noite, uma seta inflamada do maligno atingiu um deles. Uma mocinha muito franzina, bem ensopada, com a roupa coladinha no corpo e pés cheios de lama foi notada.

A ousadia do rude foi tamanha que correu e apertou a mão daquela ingênu.

Jovem, com o rosto lavado, cabelos molhados e seios quase a mostra, naquela tarde, depois de bem lavada, foi possível enxergar a beleza que sempre foi escondida na poeira e nas cinzas de carvão.

Os pássaros voltavam felizes para seus ninhos, o vento leve depois da tempestade envolvia os corpos molhados, os embornais vazios, um céu de cores lindas do final daquela tarde e os dois já estavam de mãos dadas.

Ela com o coração carregado de desejos e de sonhos. Precoce, a mente já fazia os planos do vestido de noiva, da festa no terreiro e do buquê de ramos e margaridas. O filme completo tinha até uma carroça toda enfeitada de fitas coloridas e o cheiro do leitão dado pelo patrão invadia o quintal.

Muitas moças sonham. O sonho é tão gratuito que se sonha com inteligência, em palácios e guetos, de maneira idiota demais, com dinheiro ou sem ele.

Enquanto a moça caminhava de mãos dadas e com os pés na lama o caboclo queimava por dentro. Tem momentos que desejo é coisa de impudico, enlouquece a mente e vira desatino.

Os dias de verão passaram, cada dia mais quente, com um sol de lascar, mas não veio outra tempestade daquela.

No mesmo caminho em que passavam os carros de bois também passavam mulheres e homens todos os dias, cheios de poeira e cinzas de carvão com em bornais vazios e muitos calos nas mãos. Rotina e mesmice sempre.

Todo canalha apropriada de muito suor do trabalho de seu próximo, também se apropriada de votos de cabresto, doa as sobras para os que o serve, destila preconceito, compra corações, destrói o que vê pela frente, mata para juntar mais, usa e abusa e passa com seus tratores sobre o que se levanta e afronta.

Agora, tem também o canalha que destrói sonhos e come inocência, pesado na balança todo canalha é igual.

Trabalhava algum tempo no plantio de cana de açúcar, não conhecia ninguém e ninguém sabia da sua história. A cara carrancuda, a pele tostada de sol, um cheiro forte de quem não gosta muito de banho e a mocinha apaixonada já morava no barraco dele, desde o final daquele verão.

Ainda não havia engravidado, ganhou corpo, ficou mais bonita e faceira, então foi obrigada a ficar só em casa lavando e passando, já não ia mais para os campos, passava

o dia todo do quintal para a cozinha aguardando a noitinha chegar para tirar as botas da paixão, servir uma pinga e esperar o dia que ele vinha disposto para copular.

Não reclamava, só queria uma roupa nova, um perfume cheiroso e um batom vermelho. Nunca mais foi as festas nos quintais vizinhos, nem escutou outras vozes, não tomou café na caneca de lata junto com a família, não carregou o embornal pela estrada de terra vermelha e murchou.

Dia após dia a ampulheta era mais lenta, a ventania mais forte, o silêncio mais devastador e os sonhos queimando junto com a lenha do fogão.

O outro já não ia todos os dias para casa, quando ia batia, quando ia manipulava, deitava sobre o corpo dela e fazia seu papel de macho. Ela já criava três filhos muito pequenos ali. Mãe pai, Pai mãe era seu papel.

Depois de muito tempo sozinha criando os filhos, sem nada nas latas, os peitos secos quase sem leite e muita saudade do traste, pegou muita roupa para lavar e passar. Ganhou uns trocos, comprou leite, um pouco de pão, fubá e um batom vermelho.

Era inverno, um céu todo pontilhado de estrelas e uma lua cheia maravilhosa. Os filhos já dormiam, a mulher colocou um agasalho, passou o batom vermelho e saiu para esquentar na fogueira.

Já de carro, com botas e casaco de couro o traste chegou de surpresa. Chegou e saiu muito rápido, não perguntou pelos filhos, não mandou a mulher lhe servir café, nem falou muito, mirou no batom vermelho.

Deu muitos socos, pisou, bateu e estrangulou. Quando amanheceu, o frio era muito intenso e o sangue escorrido pela terra do quintal já estava quase congelado. Ao acordar, as crianças bem pequenas choraram de muito frio e medo.

Naquele quintal, de um céu cinza e muito gelado o inverno durou para sempre.



A P R E S E N T A M O S O S
M I N I C O N T O S

Multiverso das Sensações

Por Henrique Medeiros Sérgio

Eng. Software\Analista Sistemas. Designer\Ilustrador. Palestrante,
autor e pesquisador sobre: Violências contra Mulheres e LGBTQIAP+,
Relações Intrapessoais, Interpessoais e Pessoais, Autor de vários
livros. Prêmio Carioca de Excelência Artísticas 2024
henriquemedeirossergio@gmail.com WhatsApp: 21/ 98503.3000

Aprumado

Fitando o teto, no tic-tac do relógio compassado,
cria conexão com o caderno rascunhado,
vibrante, aprumado, passa a noite a grafar o imaginado.

Sexo

Fantacias, imaginações, pensamentos,
gostos extravagantes, vontades passageiras
ou será para aquelas variadas brincadeiras?

Voyeurismo

O teto hipotético, em seu voyeurismo,
registra as expectativas das memórias de prazer e gozo do seu habitante,
torna-se codelinqüente, silencioso, cauteloso.

Chuva

Chuvas é vinho com boas uvas.
Alguns goles entorpecem, corpo amolece.
Harmoniosa vital, do esfregar escultural.

Vitrinavéis

Fita, as listas de contatos de encontros casuais,
das linhas digitais das telas 5,5 polegadas,
com caras e corpos, vitrinavéis, descartáveis e bloqueáveis.

Chocolate

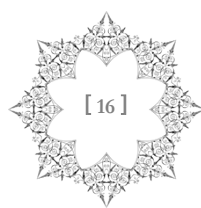
Chocolate é sem disparate. Serotonina,
dopamina e antioxidantes.
Antes, durante para corpos escaldantes.

Sepse

Testemunham em silêncio, as expectativas sinuosas,
De uma alucinada sepsse, da guilhotina,
que ele não se permite uma faxina, dessa louca adrenalina.

Outras coisinhas

Conexões de corpos sólidos no centro de equilíbrio.
Pessoal, interpessoal, casual, monogâmico, impessoalidade.
Compartilhado, aberto, poliamor, em qualquer idade.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Êxtase Primaveril

Por Luciene Guisoni

Licenciada em história pela universidade estadual de Goiás -campus Anápolis. Membro da união brasileira de escritores-seção Goiás.Coordenadora da casa Chico Xavier para estudos em iniciação filosófica em Silvânia/GO. Professora e autora de livros e artigos.



Foi numa segunda feira, pela manhã, ao caminhar pela trilha que tem um fim, que tem muitas árvores, pássaros de várias espécies e micos a saltar em galhos altos numa “conversa” alegre entre uns e outros. O sol resplandecia com seus raios luminosos trazendo vida em abundância. A cada passo eu sentia o ar puro da mata a bater em meu rosto rosado e em meu sorriso nos lábios. Uma companhia estava ao meu lado com suas quatro patas, correndo livremente pela trilha à frente, seu nome? Pequena, pequena como seu corpinho de pelagem curta em tom de preto e marrom, ao avistar um riacho ela correu e se banhou satisfeita naquela água corrente e fria. A temperatura se fazia mais quente a cada passo, o suor escorria do meu corpo, porém meu bem estar aumentava na medida das batidas do meu coração que palpitava em meu peito, resultado dos impulsos sanguíneos nos músculos ativos devido à aceleração cardíaca e a sensação de me sentir livre, naquela manhã. Nada mais poderia ser tão satisfatório, a não ser por um espetáculo que a natureza me proporcionou.

Descendo o morro na trilha empoeirada, mas repleta de paisagens naturais, avistei pingos de água caindo ao chão logo à frente, então, me aproximei daquele pequeno círculo de terra molhada, olhei para cima, o reflexo solar nos galhos das árvores impedia minha visão por completo. Chegando mais perto de uma determinada árvore, que fazia um pouco de sombra, olhei, novamente para cima, e percebi que as gotas de água estavam caindo das folhas dos pequenos galhos daquela árvore que me cobria com sua pequena sombra. Aquele fenômeno natural foi, para mim, uma emoção, quiçá para ser lembrado para sempre. Lágrimas desciam dos meus olhos num misto de contentamento e tristeza. Deixei que aqueles pingos descessem pela minha garganta “atingindo e refrescando minha alma”. Não pude deixar de agradecer por aquele momento, agradecer em pensamento, em particular, em solidão de paz.

As gotas de água tinham um tom verde claro.

Verde como as águas dos rios e muitos mares.

Verde como os frutos que nascem e crescem.

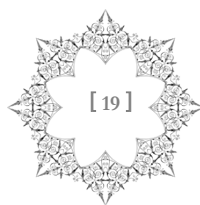
Verde como os olhos de muita gente.

Verde como o símbolo da esperança.

Verde como as matas e florestas preservadas do povo simples que sabe viver.

Fiquei extasiada por um tempo sem sentir pressa ou tédio. Apreciava e rogava aos “deuses” que ajudasse todo homem, toda mulher, toda criança, todo jovem e idoso, todo indígena e o não indígena a preservar as árvores que ainda respiram e derramam seu suor verde na terra onde brota a vida, o alimento.

Este dia, era Primavera!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O amargor de ter

Por Mateus Pessoa Alves

Mateus veio do humilde bairro de imbarie na cidade de caxias, desde pequeno era apaixonado por leitura mas nunca foi encorajado a seguir tal carreira. Hoje cursa física na UFF enquanto ainda persegue o sonho de se tornar um escritor.



Acordou na sua cama resmungando novamente,

Ontem mesmo conseguiu,

Ontem mesmo se esvaiu.

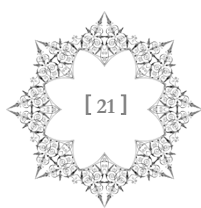
Hoje não tem nada, apesar de tudo possuir. Amanhã irá desejar mais, até se ver no passado,

Pois mais uma vez esqueceu de olhar para trás e isso nunca mudará.

Não se recorda se é si mesmo ou o que não tem. Gasta tanto tempo admirando o luxo

Que seu reflexo é apenas mais um "porém".

Como pode voltar a ser aquilo que não lembra? Fez-se a mesma pergunta enquanto se esquecia dessa lembrança.



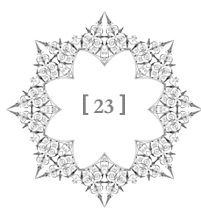
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Falsas flores

Por Mateus Pessoa Alves

Mateus veio do humilde bairro de imbarie na cidade de caxias, desde pequeno era apaixonado por leitura mas nunca foi encorajado a seguir tal carreira. Hoje cursa física na UFF enquanto ainda persegue o sonho de se tornar um escritor.

Certa hora me encontro pensando sobre flores
Muito lindas para serem realidade
Como pode algo com tanta majestuosidade?
Pena que com tanta facilidade
Tal a flor, tal meu pensamento, já se perdeu
Com um pensamento perdido, outro já toma o lugar
“O que é esse cheiro?”
Ah, quão idiota sou eu
Só poderia ser ela
Aquela orquídea que um dia você me deu
E essa? Seria ela de verdade?
Ou só mais uma das mentiras que você me contou?
Afinal, você disse que teria piedade
Mas olhando esta flor só lembro que algo dentro de mim você matou
Agora ela queima sobre uma vela
E eu me pergunto “no fim, o que restou?”



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

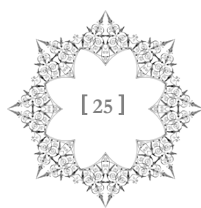
Um Amanhã Melhor

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Um sonho alvissareiro...
o suplicar por um amanhecer dourado...
Ardentemente desejar que só coisas boas aflorem...
A harmonia de tudo para o bem de todos.

Seria plausível? Quem sabe?! E o agente?
"Uma andorinha não faz verão"
– já dizia o ditado popular...
No brilhar da aurora há que ter pluralidade.
Coletivamente...
muitas mãos
muitas mentes
muita humildade
solidariedade
e um desenho
consistente.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sempiterno

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

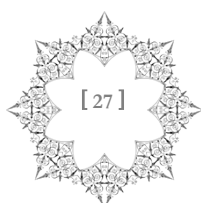
Partículas primordiais, que incontáveis
criaturas e toda matéria integram,
no berçário estelar do profundo e remoto cosmos
num átimo inimaginável... Luz!

Do emaranhado de fogos nuvens e astros
em formação, dispersas... Na aurora dos oceanos
navegaram e microscópicas vidas compuseram.
Foram frágeis e fortes asas a voltarem aos céus.

Passearam em lavas pântanos e temerosas geleiras.
Desaparecidos biomas sem fim, modelaram...
Fizeram gigantes que a outros gigantes aterrorizaram.
E aqueles que agora, o universo sondam.

Grandiosas árvores com os seus habitantes...
pequenos anfíbios e reluzentes camaleões.
Na dança dos continentes, têm formado e dividido
todos que na sua química, ligam-se e se espalham...

Sempre a avançarem em intermináveis reações
têm chegado e constituído o meu ser... e de mim
têm escapado. E muito além de mim até onde
e quando o espaço e o tempo as levarem.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Estrutura Efêmera

Por Sellma Luanny

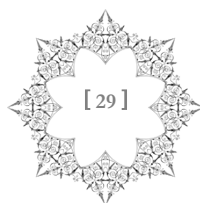
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Novamente à epifania
à busca de percepção.
A ela elevei-me para inferir
o porquê da minha mente
alguns sentidos
mais que outros, extrair.

Por razões da vastidão
do todo que me confunde,
fui aos compêndios
procurar...
E da minha pequenez
perante ele, ilustrar-me.

Por fundamentos
às entidades, acorri.
E no âmbito mental...
deste insuficiente corpo
para os absorver
alcei-me à luz.

Nesta efêmera e individual
existência afluí a tudo
e a tão pouco!
Uma vida que não chega
para usufruir nem o pouco
que alcança.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Rochedo e o Riacho

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



Era uma vez, numa região erma e montanhosa, um riacho que descia o relevo a cantarolar e dialogar com todos pelo seu caminho. Um "chuá... chuá... chuá..." bem suave era o modo de se comunicar. Não era barulho, porque tudo tinha um ritmo de fundo natural.

Passava pelos arbustos e dizia (traduzido do "chuá... chuá"): "lindo dia, não é mesmo, meus amigos? que lindo céu azul!... nosso rei sol morno e suave... e a chuva de ontem, fez muitos estragos? ou só trouxe frescor? eu aumentei um pouco o meu volume e fiquei mais ondulado, mas agora já estou no meu normal".

Todos se encantavam com ele porque afinal era fonte de alegria e da água tão vital que tirava a sede de quem o visitava e irrigava o solo ao seu redor.

Um dia, após um temporal, um rochedo muito grande rolou para o meio do riacho. O riacho então já não conseguia fazer o melódico "chuá chuá" de sempre. Educadamente mas firme, pediu ao rochedo para se deslocar para a margem e fazer parte da comunidade geral. Avisou até dos perigos se o mesmo continuasse ali no meio da correnteza, com possíveis agravantes de futuras tormentas.

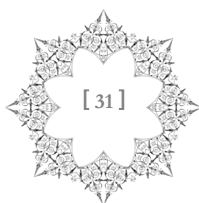
Mas o rochedo grande e imponente achava que estava muito bem, pois tornara-se por sinal, o centro das atrações no local. E nada de ele sair do lugar!

O riacho então, sem poder tirá-lo à força, mudou de tática. Continuou falando constantemente mas mansamente, tocando o rochedo sem o "chuá", mas com "roá... roá..."

Passou-se muito tempo e o riacho continuava a manter uma postura gentil, persistindo na serena mas constante insistência. Até o dia em que, depois de muito se debater com o rochedo, conseguiu esmerilhá-lo todinho, o qual foi transformado em uma coleção de pequenas e inofensivas pedrinhas. E o "chuá" do riacho voltou a ser ouvido.

O rochedo foi desfeito em pedras sem mesmo notar ou sentir.

Tal e qual o ditado popular: "água mole em pedra dura tanto bate até que fura".

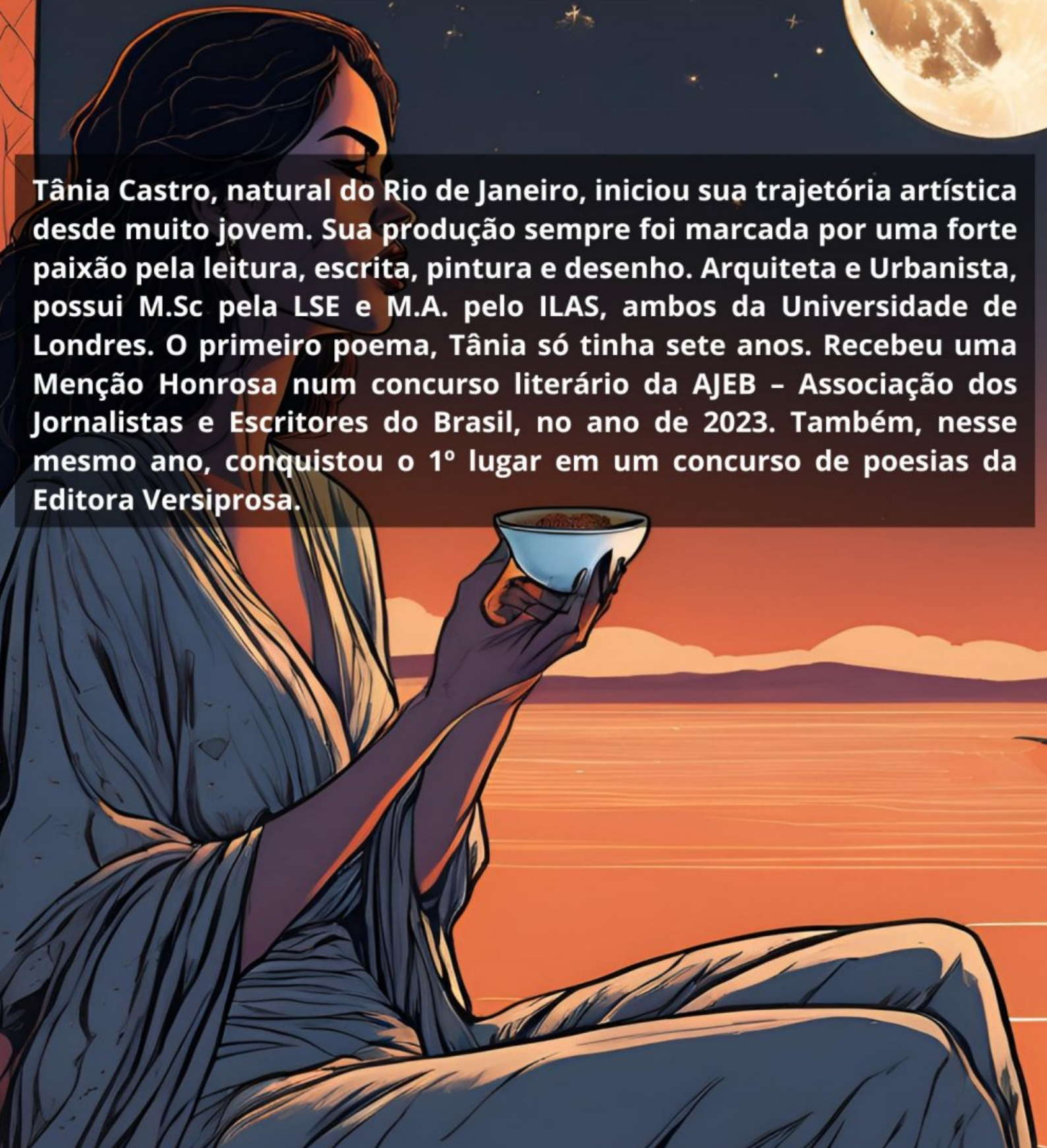


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

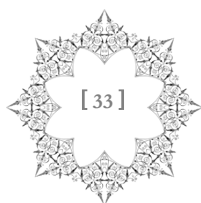
Saudades

Por Tânia Castro

Tânia Castro, natural do Rio de Janeiro, iniciou sua trajetória artística desde muito jovem. Sua produção sempre foi marcada por uma forte paixão pela leitura, escrita, pintura e desenho. Arquiteta e Urbanista, possui M.Sc pela LSE e M.A. pelo ILAS, ambos da Universidade de Londres. O primeiro poema, Tânia só tinha sete anos. Recebeu uma Menção Honrosa num concurso literário da AJEB – Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil, no ano de 2023. Também, nesse mesmo ano, conquistou o 1º lugar em um concurso de poesias da Editora Versiprosa.



Sinto calor.
No fim da tarde
Ouço o canto das cigarras.
De repente, cai a chuva,
Sobe um cheiro de terra úmida.
Respiro fundo,
Tentando absorvê-lo,
O mais profundamente
Possível.
Noites de lua cheia,
Recolho as estrelas do céu.
Sentir e dizer o que se sente
São coisas bem diferentes,
Distintas entre si.
Sinto saudades do que vivi
E, também, do que não vivi.
Sinto saudades da minha infância,
Sinto saudades de tudo.



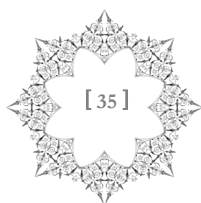
APRESENTAMOS O POEMA

Outono

Por Tânia Castro

Tânia Castro, natural do Rio de Janeiro, iniciou sua trajetória artística desde muito jovem. Sua produção sempre foi marcada por uma forte paixão pela leitura, escrita, pintura e desenho. Arquiteta e Urbanista, possui M.Sc pela LSE e M.A. pelo ILAS, ambos da Universidade de Londres. O primeiro poema, Tânia só tinha sete anos. Recebeu uma Menção Honrosa num concurso literário da AJEB – Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil, no ano de 2023. Também, nesse mesmo ano, conquistou o 1º lugar em um concurso de poesias da Editora Versiprosa.

Num *flash* de momento
O tempo passa
E não nos conta disso.
Pensamos que estamos
Numa eterna primavera.
Mas vem o tempo,
Como um vendaval
E nos arrasta
Para o outono
Da vida.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Esperança

Por Tânia Castro

Tânia Castro, natural do Rio de Janeiro, iniciou sua trajetória artística desde muito jovem. Sua produção sempre foi marcada por uma forte paixão pela leitura, escrita, pintura e desenho. Arquiteta e Urbanista, possui M.Sc pela LSE e M.A. pelo ILAS, ambos da Universidade de Londres. O primeiro poema, Tânia só tinha sete anos. Recebeu uma Menção Honrosa num concurso literário da AJEB – Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil, no ano de 2023. Também, nesse mesmo ano, conquistou o 1º lugar em um concurso de poesias da Editora Versiprosa.

Tens esperança ainda?
Grão de areia que se faz presente,
Maré baixa, estrelas do mar,
Cheiro de maresia
Vento sudoeste que está vindo.
Relâmpago, tempestade,
Tormenta.
Não se vê um palmo
Adiante dos olhos.
Estrondo, trovão.
Depois a calmaria.
A infinitude do momento passou.
Tudo passa.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Imortal

Por Tânia Castro

Tânia Castro, natural do Rio de Janeiro, iniciou sua trajetória artística desde muito jovem. Sua produção sempre foi marcada por uma forte paixão pela leitura, escrita, pintura e desenho. Arquiteta e Urbanista, possui M.Sc pela LSE e M.A. pelo ILAS, ambos da Universidade de Londres. O primeiro poema, Tânia só tinha sete anos. Recebeu uma Menção Honrosa num concurso literário da AJEB – Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil, no ano de 2023. Também, nesse mesmo ano, conquistou o 1º lugar em um concurso de poesias da Editora Versiprosa.

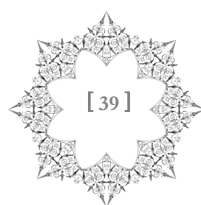


Guardo em mim
Todos os pecados do mundo

Todas as dores,
Todos os pesadelos,
Todas as transgressões possíveis.

Guardo em mim
Uma alegria de viver,
Um amor infinito,
Um prazer em me doar,

Um contentamento constante.
Sinto como se o tempo não passara,
Como se imortal eu fora.
Nos dias intermináveis da minha vida,
Enquanto ela durar.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Futuro

Por Tânia Castro

Tânia Castro, natural do Rio de Janeiro, iniciou sua trajetória artística desde muito jovem. Sua produção sempre foi marcada por uma forte paixão pela leitura, escrita, pintura e desenho. Arquiteta e Urbanista, possui M.Sc pela LSE e M.A. pelo ILAS, ambos da Universidade de Londres. O primeiro poema, Tânia só tinha sete anos. Recebeu uma Menção Honrosa num concurso literário da AJEB – Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil, no ano de 2023. Também, nesse mesmo ano, conquistou o 1º lugar em um concurso de poesias da Editora Versiprosa.

Esperando o futuro
Fantasma da loucura,
Gota de lágrima.

As coisas são como são,
Não como queríamos que fossem.
Relâmpagos, trovão,
Revolução.
Deve haver uma forma
De recomeçar.



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Destino

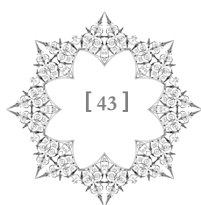
(Baseado em um conto de
Edgar Allan Poe)

Por Valnei Nascimento da Silva

Valnei Nascimento da Silva é professor do estado de São Paulo desde 1992 e efetivo do concurso PEB II para professores de 2003. Formado em Letras desde 2005, foi aluno especial do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP) na disciplina Tópicos de Sociolinguística I, em 2007. Também é pós-graduado "lato sensu" em Língua Portuguesa e Literatura desde 2020 e adora ler, escrever, TI e IA. É autor e compilador das antologias: *Na Escuridão da Noite, Na Escuridão do Dia, Cães, Gatos & Cia, Era Uma Vez, E Viveram Felizes Para Sempre, Melhores Histórias do Professor, Melhores Histórias do Aluno.*

Em 1998, navegando em direção a Singapura, a oeste de Sumatra um grupo de marinheiros foi atingido por uma forte tempestade. Sem mantimentos e água, decidiram escolher alguém do grupo para servir de alimento e sobreviverem. Um deles, chamado Richard Parker, deu a ideia de realizarem um "jogo" onde o perdedor seria o alimento para os demais. Ironicamente, o próprio Richard Parker, de 17 anos, perdeu e foi o infeliz escolhido. O nome da embarcação era "Destino".

Quarenta e sete anos mais tarde, uma embarcação naufragou em meio a uma tempestade e os quatro homens da tripulação se salvaram em um bote salva-vidas. De início, sobreviveram se alimentando apenas de animais marinhos, mas após semanas em alto mar, precisavam de mais do que isso para sobreviver. Calcula-se que, em média, o corpo humano consiga sobreviver semanas sem comida, mas a maioria das pessoas só permanece viva de dois a quatro dias sem água. Um dos náufragos, em um momento de desespero, bebeu a água do mar e adoeceu. Os outros homens, então, decidiram escolhê-lo para servir de alimento e sobreviverem por mais algum tempo até serem resgatados. O homem que bebeu a água salgada e adoeceu se chamava Richard Parker, de 17 anos. Os três homens que sobreviveram foram resgatados por uma embarcação cujo nome era "Destino".



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Brinco de Ouro da Princesa

Por Valnei Nascimento da Silva

Valnei Nascimento da Silva é professor do estado de São Paulo desde 1992 e efetivo do concurso PEB II para professores de 2003. Formado em Letras desde 2005, foi aluno especial do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP) na disciplina Tópicos de Sociolinguística I, em 2007. Também é pós-graduado "lato sensu" em Língua Portuguesa e Literatura desde 2020 e adora ler, escrever, TI e IA. É autor e compilador das antologias: *Na Escuridão da Noite*, *Na Escuridão do Dia*, *Cães, Gatos & Cia*, *Era Uma Vez*, *E Viveram Felizes Para Sempre*, *Melhores Histórias do Professor*, *Melhores Histórias do Aluno*.

Era uma vez uma princesa de sorriso doce, jeito meigo e olhar angelical, seu nome era Alana. Ela morava em um castelo num reino muito, muito distante e era muito amada por seus pais e pelos súditos de seu reino, mas a princesa não era muito feliz, pois achava que nunca encontraria seu príncipe encantado, devido a um problema que lhe causava muita vergonha e constrangimento: desde que aprendeu a falar, a cada três palavras que falava ela dava um soluço. Depois de várias tentativas de falar normalmente e não conseguir, a princesa começou a ficar triste e desanimada, e não queria mais falar com ninguém e nem aparecer em público. Quando já estava quase desistindo, naquela mesma noite a princesa teve um sonho. Sonhou que passava pelo seu reino um caixeiro-viajante, que era um representante de vendas de comércio que viajava por conta própria e que vendia produtos fora de onde eles eram produzidos. Naquele tempo não havia facilidade de transporte entre as cidades e os caixeiros-viajantes eram a única forma de transportar produtos entre diferentes regiões. O reino ficou alvoroçado com a visita daquele forasteiro, que parecia ser muito simpático, mas ao mesmo tempo muito misterioso. No castelo, o arauto real anunciou a passagem do homem pelo reino e a princesa, muito curiosa, ficou com uma imensa vontade de sair do castelo e ir lá na cidade para ver os produtos que aquele estranho estava apresentando, mas lembrou-se do seu problema e resolveu se disfarçar como se fosse uma das aldeãs do reino. Chegando lá, a princesa ficou impressionada com tudo o que aquele homem estava vendendo, desde tecidos, remédios, miudezas e bijuterias, a animais exóticos, alimentos e perfumarias. Mas o que mais lhe chamou à atenção foi um brinco de ouro, que brilhava muito sob os raios do sol. Não aguentando de curiosidade, a princesa perguntou ao caixeiro-viajante qual era o preço daquela linda joia, ao que o homem respondeu:

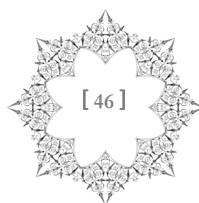
– Este precioso brinco de ouro será seu se você conseguir falar 7 palavras sem soluçar nem uma única vez.

E a princesa perguntou:

– Como sabe que [soluço] eu soluço a [soluço] cada três palavras [soluço] que eu falo [soluço]?

O homem respondeu que aquele era um mistério que não podia ser revelado naquele momento, mas como queria muito se livrar daquele problema, a princesa começou a tentar falar sem soluçar. Tentou a primeira, a segunda e na terceira tentativa, finalmente conseguiu falar 7 palavras sem dar um soluço. Porém, quando o caixeiro-viajante ia lhe

entregar o brinco de ouro, a princesa acordou do sonho. Levantou-se aflita e correu para contar o sonho ao rei e à rainha, e quando começou a falar, seus pais perceberam que a princesa estava falando normalmente sem soluçar a cada três palavras, coisa que não fazia desde que aprendera a falar. A princesa ficou tão feliz que o rei e a rainha resolveram dar uma festa no castelo para comemorar aquele importante acontecimento. Convidaram um representante de cada cidade do reino e cada um levou um presente para a princesa Alana. O arauto anunciou os emissários e os presentes que levaram, mas houve um emissário que deixou como presente uma caixinha amarrada com uma fita dourada e foi embora. Quando a princesa desamarrou a fita dourada e abriu a caixinha...



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Céu dos Gatos (Em memória de Mike)

Por Valnei Nascimento da Silva

Valnei Nascimento da Silva é professor do estado de São Paulo desde 1992 e efetivo do concurso PEB II para professores de 2003. Formado em Letras desde 2005, foi aluno especial do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP) na disciplina Tópicos de Sociolinguística I, em 2007. Também é pós-graduado "lato sensu" em Língua Portuguesa e Literatura desde 2020 e adora ler, escrever, TI e IA. É autor e compilador das antologias: *Na Escuridão da Noite, Na Escuridão do Dia, Cães, Gatos & Cia, Era Uma Vez, E Viveram Felizes Para Sempre, Melhores Histórias do Professor, Melhores Histórias do Aluno.*



Havia um gato muito esperto, que era muito ensinado. Ele saía de casa todas as tardes às 18h30, mas sempre voltava para casa pontualmente às 6h30 da manhã do dia seguinte. Seu dono já estava acostumado com o ritmo e usava o miado do gato como despertador. Colocou a cama próxima à janela e todas as manhãs, quando o gato começava a miar pra entrar, era só o dono do bichano esticar o braço, abrir meia janela, virar para o lado e cochilar por mais dez minutos, até se levantar para os afazeres do dia. O gato entrava pela janela, miava mais algumas vezes para o dono saber que ele já tinha entrado e ia direto para a sua casinha em forma de iglu de esquimó. O gato aguardava, então, mais dez minutos, se seu dono não levantasse pra lhe dar ração, ele saía do iglu, dava uma peroleta e já caía em cima do dono, "amassando pãozinho" e se o dono não levantasse da cama, o gato aproveitava para tirar mais uma sonequinha em cima dele, porque além de muito ensinado, era um gato muito dorminhoco. Todas as manhãs, quando o gato voltava para casa, o dono lhe perguntava:

– Aonde você vai e fica todas as noites? Uma noite dessas vou te seguir e vou descobrir, se estiver fazendo alguma coisa errada vou te deixar uma semana sem o pão com franguinho que trago todo dia da merenda da escola onde trabalho.

O gato olhava para o dono com atenção e, apesar de toda a sua esperteza e treinamentos, não sabia e não podia falar, é claro. Então, só respondia:

– ?

Então, uma noite, o dono do gato falou:

– Esta noite você não vai sair, vamos fazer uma festa do pijama.

E foi ao quarto preparar tudo, mas quando voltou para a sala, o danado do gato tinha saído, o dono tinha deixado a janela aberta. O dono adiou a festa do pijama para a próxima noite, rezou e foi dormir. Naquela mesma noite, o dono sonhou que tinha visitado o Céu dos gatos. Chegando lá, encontrou o gato passeando pelas alamedas celestiais todo sorridente e despreocupado, e lhe perguntou:

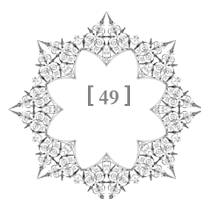
– Ah, é... então é para cá que você vem toda noite, não é mocinho?!

E, surpreendentemente, dessa vez, o gato respondeu, porque na Literatura e nos sonhos, tudo é possível. E o gato falou:

– Você errou feio, meu humano, é a sétima vez que venho para este lugar, aqui é tão bom que não quero mais voltar para casa, aqui tem ração e franguinho à vontade e não

preciso brigar por território, porque aqui todos os animais têm seu lugar preparado pelo Deus dos gatos.

O dono ficou tão impressionado com aquela resposta do bichano que acordou assustado e suando. Olhou no relógio do celular e já eram 6h29 da manhã. Esticou o braço, abriu a janela e aguardou seu bichano entrar, como fazia todas as manhãs. Mas passou um dia, dois dias, três, quatro, uma semana e Mike nunca mais retornou. Agora ele era uma linda estrelinha no Céu dos Gatos. ☆

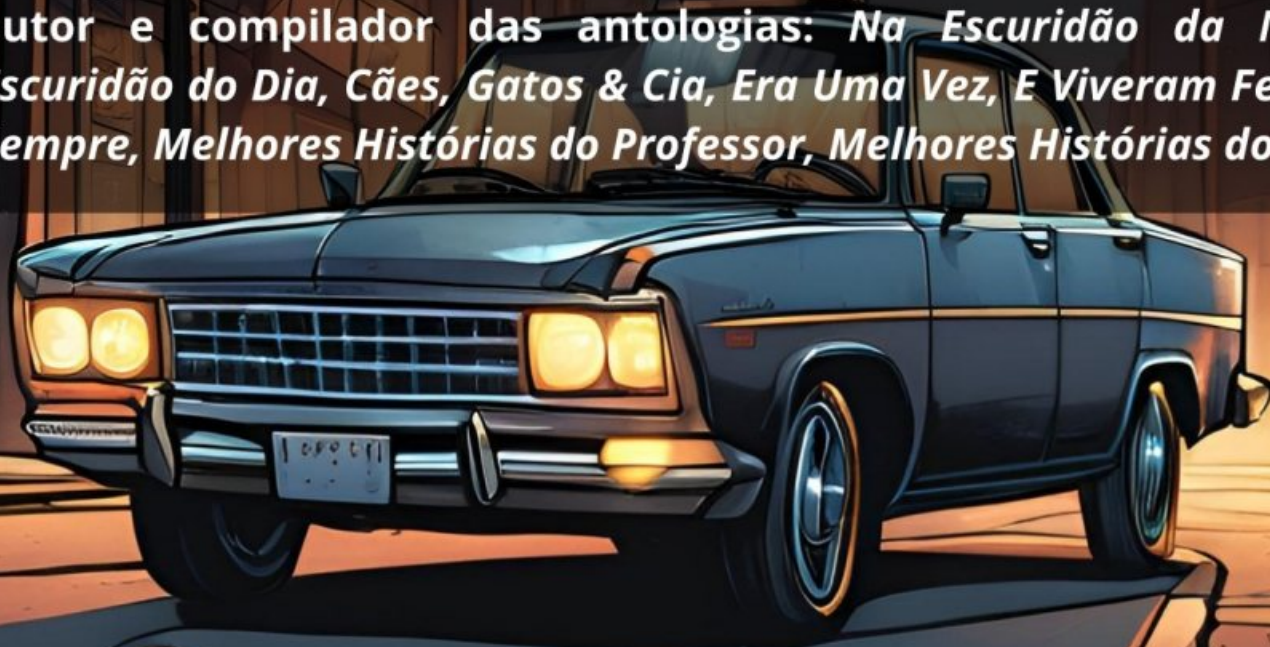


A P R E S E N T A M O S O C O N T O

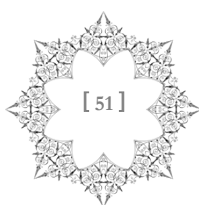
Na Escuridão da Noite

Por Valnei Nascimento da Silva

Valnei Nascimento da Silva é professor do estado de São Paulo desde 1992 e efetivo do concurso PEB II para professores de 2003. Formado em Letras desde 2005, foi aluno especial do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP) na disciplina Tópicos de Sociolinguística I, em 2007. Também é pós-graduado "lato sensu" em Língua Portuguesa e Literatura desde 2020 e adora ler, escrever, TI e IA. É autor e compilador das antologias: *Na Escuridão da Noite*, *Na Escuridão do Dia*, *Cães, Gatos & Cia*, *Era Uma Vez*, *E Viveram Felizes Para Sempre*, *Melhores Histórias do Professor*, *Melhores Histórias do Aluno*.



Certa vez, uma família foi a uma festa de aniversário de um amigo e voltaram para casa tarde da noite. O pai, Michael, havia esquecido de abastecer o carro na ida e na volta foram ficando sem combustível. Pararam em um posto, mas como já era bem tarde, voltaram para o carro rapidamente, com o objetivo de continuar o retorno para casa. Depois de estarem bem longe do posto, estavam na estrada sozinhos, na escuridão da noite, onde só o que parecia claro eram os faróis do carro. Ligaram o rádio e o ar condicionado e aceleraram, mas estranhamente o rádio parecia estar recebendo algum tipo de interferência externa. De repente, os faróis se apagaram misteriosamente e o motor parou. Todos ficaram atônitos imaginando o que poderia ter acontecido e como sairiam daquela situação. Michael pensou em voltar ao posto a pé, para pedir ajuda, mas estava tão escuro que não conseguiam enxergar um palmo à sua frente e apesar dos protestos de Lois, sua esposa, Michael saiu do carro. Ninguém passava na estrada há algum tempo e enquanto estavam discutindo o que fazer, de repente, uma luz muito forte surgiu a uma altura de mais ou menos trinta metros sobre eles, iluminando o lugar em que estavam parados. Enquanto ficavam boquiabertos, fascinados por aquela forte e hipnotizante luz, foram sendo sugados e levados lentamente para um lugar que parecia ser uma sala meio escura, meio clara. Os quatro começaram a ficar meio sonolentos e quando perceberam, já estavam deitados em uma espécie de cama esquisita, diferente, que parecia flutuar acima do piso e que não parecia ser deste mundo. O pai acordou, meio tonto, olhou para o lado e viu sua esposa, de olhos fechados: "Michael! Acorde! Michael!". Ao lado da esposa, vê Dylan e Lillian, seu casal de filhos adolescentes em "camas" menores, não sabia se estavam vivos ou mortos. Tentava levantar, mas não conseguia e enquanto tentava entender o que estava acontecendo e o que poderia fazer para tirar sua família dali os adolescentes também começaram a acordar e quando perceberam que não estavam no carro, Dylan perguntou, desesperado: "Pai! Mãe! Onde estamos?". Lillian disse: "O que está acontecendo? Estou me sentindo estranho...". A mãe abre os olhos, meio tonta e pergunta: "Lois! Você está bem? Estão todos bem?". O pai não sabia o que dizer. De repente, tudo escureceu e quando acordaram de novo, estavam de volta ao carro. O rádio voltou a funcionar, os faróis se acenderam e o dia já estava amanhecendo. Tudo parecia ter voltado ao normal, exceto uma coisa: os quatro estavam com a estranha sensação de estar em corpos que não eram os seus.

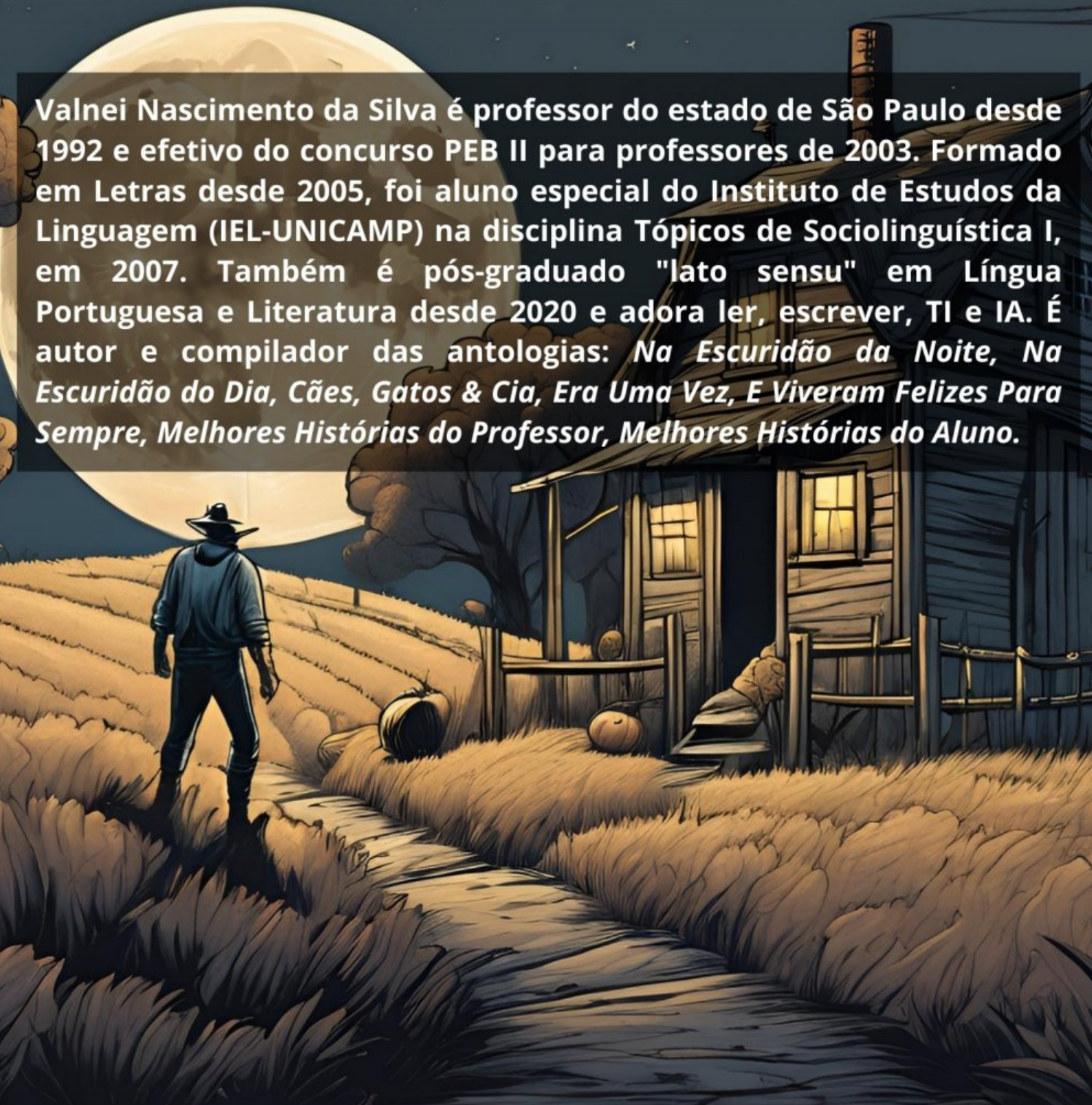


A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Última Bala de Prata

Por Valnei Nascimento da Silva

Valnei Nascimento da Silva é professor do estado de São Paulo desde 1992 e efetivo do concurso PEB II para professores de 2003. Formado em Letras desde 2005, foi aluno especial do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP) na disciplina Tópicos de Sociolinguística I, em 2007. Também é pós-graduado "lato sensu" em Língua Portuguesa e Literatura desde 2020 e adora ler, escrever, TI e IA. É autor e compilador das antologias: *Na Escuridão da Noite*, *Na Escuridão do Dia*, *Cães, Gatos & Cia*, *Era Uma Vez*, *E Viveram Felizes Para Sempre*, *Melhores Histórias do Professor*, *Melhores Histórias do Aluno*.



Havia uma moça que morava na fazenda de seus pais e apareceu por lá um rapaz que foi morar perto dessa fazenda. A moça se apaixonou por ele, mesmo os pais dela não concordando muito, por não conhecer o rapaz direito e mesmo assim se casaram. Arrumaram uma casinha não muito perto da casa dos pais da moça e depois de mais ou menos um ano de casados, tiveram um filho, um menino. Então, aconteceu que a esposa notou que quando era noite de lua cheia o marido sempre saía e voltava só no dia seguinte, de manhãzinha e dizia para ela que tinha negócios para resolver. Ela achava estranho, mas não perguntava pra ele o porquê, porque as mulheres antigamente eram submissas a seus maridos e não ficavam perguntando muita coisa. Ela ia quase todos os dias à casa de seus pais e voltava à tardezinha, com a criança, quando seu marido ia buscá-la, antes de escurecer. Um dia, porém, ele não pôde ir buscá-los por causa de uma tempestade forte e acabou escurecendo. Como a criança ainda não era batizada o pai da moça não queria deixar a mãe e a criança andando sozinha no caminho escuro, mas ela insistiu em ir embora antes que o marido chegasse para buscá-la e no meio do caminho encontrou o marido. O marido começou a reclamar, dizendo que estava com dor de barriga e que precisava ir para o mato "fazer necessidade". A mulher não gostou muito, porque não queria ficar sozinha com o menino e disse ao marido para ir, mas voltar o mais rápido que pudesse. O homem, então, afastou-se para o mato, para "aliviar o ventre", prometendo que retornaria o mais breve possível. Passado algum tempo, o marido não voltava e o medo que a mulher sentia aumentava a cada minuto que passava. De repente, à luz do luar, ouve-se um uivado próximo e ela vê, vindo em sua direção, uma criatura preta, peluda, enorme e assustadora, babando e salivando ferozmente. Seu coração disparou assustadoramente e ela só teve o reflexo de pegar a criança e tentar subir em cima de uma árvore próxima, mesmo com toda a dificuldade, pois a criatura se aproximou rapidamente, pulou na frente dela e começou a tentar agarrar a criança, que estava enrolada em uma mantinha azul. A criatura começou a puxar para baixo, com seus enormes dentes, a manta onde a pobre mulher mantinha enrolada sua pequena e indefesa criança, que chorava desesperada. Naquele desespero, ouve-se um inesperado disparo de espingarda, era seu pai, espantando a criatura para longe e permitindo à mulher, com muito custo, terminar de subir na árvore e manter-se a salvo, chorando e imaginando o que de pior poderia ter acontecido ao pobre marido, fazendo suas necessidades. Eles voltaram para a casa do pai dela e ela só foi para casa dela de manhãzinha, depois que

amanheceu. Quando chegou em casa achou o marido dormindo na rede, de boca aberta e quando chegou perto, viu que seus dentes estavam cheios de fiapos da manta azul da criança e se lembrou da noite passada. Então, pegou a criança e tentou voltar correndo para a casa de seus pais que, claro, não deixariam ela ficar mais com o rapaz. Sabendo disso, ele não a deixa ir, mas ela aguarda fria e pacientemente que ele adormeça de novo e antes que se transformasse, dá-lhe um tiro no coração com uma arma antiga de fazenda que possuía duas balas de prata restantes como munição. Ao amanhecer, após se desfazer do corpo, examinando seu filho ela percebe que o menino havia sido arranhado pela criatura na noite anterior e que por herança em breve daria continuidade a uma nova linhagem de lobisomens.

Verificando a arma, a mulher viu que ainda restava uma última bala de prata.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**